



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

REPENSANDO A MULHER NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

*Isabel Cristina C. FREIRE (UFMA) - filocoruja@yahoo.com.br¹
Iran de Maria Leitão Nunes (UFMA)*

RESUMO

No presente artigo discutiremos a presença das mulheres na história da Filosofia na qual houveram algumas contradições desde a antiguidade acerca do silenciamento no cenário que era tipicamente masculino. Também, no referido resgate da mulher na história da filosofia observa-se que figura do feminino nem sempre é dialogada por meio de um sujeito que a representa, mas por outro sujeito “o masculino”. Além disso, pensar em filosofia e gênero é revisitar historicamente o processo de construção de homens e mulheres que produziram e produzem filosofia nos espaços distintos. Diante do exposto, objetiva-se analisar o percurso histórico da presença das mulheres na Filosofia a partir de uma pesquisa bibliográfica. Para este estudo, utilizamos alguns autores fundamentais em nossa perspectiva, para as discussões que referenciam a temática Mulher e Filosofia respectivamente: Chartier (2010), Le Goff(1996), Motta (2003), Menezes (2002), Pacheco (2016); Perrot (2005), Rosa (2012), Valle(2002), Wuensch (2005), dentre outros dentre outros autores. Dessa forma, concluímos que em vários períodos as mulheres foram presentes na Filosofia tanto como submissas no caráter da virtude na domesticação quanto na reinvenção nos espaços que se encontravam chegando ao protagonismo como pensadora.

Palavras-chave: Mulher. Filosofia. Gênero.

1 INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade as mulheres foram esquecidas, e ficaram silenciadas no cenário que era tipicamente masculino. E as mesmas, viviam sem poderio num confinamento, e também não eram consideradas cidadãs. Sob essa ótica em Volpi (2010,p.IX) iremos encontrar o seguinte esclarecimento: “ a tradição do pensamento ocidental, apesar da diversidade das posições e das tendências e das escolas que a constituem mostra uma surpreendente compactação ao remover, de princípio e de fato, o sexo feminino, excluindo-o de um papel ativo na filosofia”.

Como afirma Chartier (2010, p. 31):

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE UFMA.



XII ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Numa época em que nossa relação com o passado está ameaçada pela forte tentação de criar histórias imaginadas ou imaginárias, é fundamental e urgente a reflexão sobre as condições que permitem sustentar um discurso histórico como representação e explicação adequadas a realidade que foi.

As mulheres em vários períodos da história foram subalternas e dadas a reproduzir pelo pensamento dos homens na sociedade e desde a Grécia Antiga, filósofos clássicos evidenciavam a inferioridade da mulher como sujeito e pensadora. E na Idade Média, a Igreja possibilitou as concepções que destacavam a culpabilidades das mulheres por serem instrumento do demônio e atração do desejo.

O estudo originou-se das discussões num grupo de mestrado de cursos de Pós-Graduação da Universidade Federal do Maranhão – UFMA e das inquietações ocasionadas pelas leituras e discussões realizadas na disciplina de Mulheres e Relações de Gênero do Curso de Pós-Graduação em Educação da UFMA. O estudo é relevante diante da produção da história das mulheres na Filosofia como forma de libertá-las das amarras e repensar no falar de homens e mulheres numa relação igualitária. E com isso, é importante desconstruir a filosofia da história feminina para reconstruí-la em bases mais reais e igualitárias. E este novo olhar nos faz rever a Filosofia respondendo às perguntas que nós formulamos acerca dessas relações de gênero.

Dessa forma, durante muito tempo o relato histórico se esqueceu das mulheres, relegando-as a um silêncio ensurdecador. Silêncio este que não se ateve a historiografia, mas perpetuou no cotidiano das mulheres, uma vez que houve uma restrição na esfera pública. E no século XIX, após a cientificidade da disciplina histórica, filosófica, a narrativa centrava-se na esfera pública, ressaltando as ações políticas das figuras masculinas. Sob esta análise, observa-se que as mulheres eram impossibilitadas de atuar nos espaços públicos havendo uma limitação na sua participação. (PERROT, 2005, p. 9). E com isso, na filosofia não foi e não é diferente, pois desde o período clássico percebemos um silêncio conveniente dos filósofos, para os quais influenciou a condição feminina ao espaço privado. E com isso, pensar em filosofia e gênero é revisitar historicamente o processo de construção de homens e mulheres que produziram e produzem filosofia nos espaços distintos.

2 A MULHER NA PERSPECTIVA DOS FILÓSOFOS

Os olhares epistemológicos filosóficos dos pensadores formaram registros de uma Filosofia Grega voltada ao silenciamento das mulheres desde suas origens, enfatizando muito



XII ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

mais a mulher velada no intelectualismo, e evidenciando nas outras um olhar mais de objeto sexual como mera reprodutora. Porém, quando as mesmas tomaram consciência de si, começaram a (des)construir sua história e se descobrindo como ser mulher em transformação numa sociedade em diferentes espaços com suas vozes epistêmicas.

Além disso, alguns livros de Ensino Médio e de Ensino Superior destacam um paradoxo na representação feminina no discurso das mulheres na Filosofia no pensamento dos filósofos ressaltando os atributos das virtudes das mesmas e a condução delas na reprodução dos seus pensamentos. E com isso se apresentam em algumas obras gregas como mágicas devido a características nos mitos, e a vida ligada a domesticação como caráter da virtude de cuidar do lar, do marido, dos filhos e ainda das articulações sociais demonstrando assim suas habilidades técnicas e no desenvolvimento dos escritos literários filosóficos utilizando-se em alguns períodos do codinome masculino para que fossem lidos.

A filósofa Wuensch (2005, p. 65) por sua vez problematiza as contribuições femininas na história do pensamento humano:

Ouve-se falar em Sócrates, Platão, Aristóteles, mas e as filósofas? Onde estariam nessa época? Os que não conhecem muito do assunto podem até pensar que as mulheres não fizeram nada importante, entretanto, a verdade é que essa história ainda precisa ser reconstruída.

Em Garcia e Veloso (2011) encontramos um discurso filosófico centrado na figura do homem que se inquietavam com a realidade deixando as mulheres sem se indagar de tais questões fundamentais da vida com a seguinte afirmativa: “[...] apesar das diferenças entre o pensamento filosófico nascente e o pensamento mítico, ambos procuraram, a seu tempo e cada um à sua maneira, fornece as respostas fundamentais procuradas pelo homem.”

Porventura, existe um encandeamento do olhar filosófico na imaginação ricamente viva sem estar confrontada pela razão humana pautas na realidade da sociedade numa verdade intuída independente da cultura da época numa análise da natureza e suas contradições por meio da Teogonia e da Cosmogonia. E essas relações aconteciam através das histórias contadas na vida primitiva nas criações dos poetas aedos rapsodos com suas epopeias e narrativas mitológicas que serviam como ciência primitiva resultante das primeiras tentativas humanas de compreensão da realidade. E em alguns dos seus relatos traçam a figura emblemática da mulher



XII ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

de sedução, e também como mulher de estratégias juntamente com suas determinações do nascimento dos deuses, dos titãs, dos heróis, dos homens e das coisas.

Tomemos como resgate o registro inicial mítico na Grécia pensado por Homero intitulado *Ilíada* como forma indiscutível da prova da existência das primeiras civilizações. E em Jaeger (2001) destaca-se a epopeia grega como a que contém o germe da filosofia grega revelando com a maior clareza o contraste entre a concepção do mundo puramente teomórfica dos povos orientais, para a qual só Deus age e o homem é apenas o objeto da sua ação, o caráter antropocêntrico do pensamento grego. Homero situa resolutamente em primeiro plano o Homem e o seu destino, embora o enquadre na perspectiva das ideias mais sublimes e dos problemas máximos da vida.

E as personagens de Homero são sempre naturais e manifestam a cada instante a própria essência tendo uma solidez, uma facilidade de movimentação e uma contextura íntima a que nada se pode comparar. Tomemos a Penélope que ao mesmo tempo é dona de casa, mulher desamparada e ignorante do paradeiro do esposo, em face das dificuldades surgidas com os pretendentes, é uma senhora fiel e afetuosa para as servas, e ainda uma mulher inquieta e angustiada pelo cuidado com seu filho único.

Hamilton (1997, p. 9-10) nos destaca Zeus como aquele que esconde os casos amorosos da sua esposa, dentre elas a Hera que é personagem de comédia, uma típica mulher ciumenta. E ainda faz alusão a mulher ligada a magia, numa afirmação da inexistência do homem com poderes, ficando a cargo de duas mulheres Circe e Medéia que tinham poderes terríveis e sobrenaturais de bruxas na beleza inigualável da juventude. E Ártemis, por sua vez era uma das três deusas virgens do Olimpo considerada a senhora das coisas selvagens e caçadora-chefe dos deuses num ofício diferenciado para mulheres e não permitia que a armada partisse sem sacrificar uma virgem.

Também resgatemos os deuses como referência dos acontecimentos desligando a justiça conforme suas vontades. E assim, a parainfa Themis é tida como uma das deusas originais da cosmogonia grega filha de Urano e Gaia, irmã de Zeus que permanece nos dias atuais como valor simbólico da justiça. Outra mulher que podemos destacar nos relatos míticos é a sacerdotisa Diotima que tivera o diálogo com Sócrates na qual relata a origem e a natureza de Eros que ocorrera no decorrer da festa em honra ao nascimento de Afrodite (deusa do amor e da



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

beleza que a todos seduzia), em que Penia (a pobreza) ao deitar-se ao lado de poros(a riqueza) concebeu Eros que simboliza a oscilação entre o possuir e o não possuir numa busca incessante do que se deseja ter. E em Henriques(2010,p.12) encontramos a “conceptualização do feminino e das mulheres no respeitante, por exemplo, à configuração da força, da coragem e da convicção, como é o caso de Antígona, ou da possibilidade das filósofas-rainhas, como é proposto na República, de Platão”.

No período clássico grego ressalta o espaço da democracia quando os autores evidenciam que as mulheres eram excluídas da participação das leis e não complementam as discussões sobre as mulheres em Atenas. Com isso, podemos perceber que no espaço público havia uma demarcação na mudança de categoria de cada sujeito no referido local, e os rituais serviram como demonstração dessa vida coletiva, na qual as mulheres eram tidas como aquelas que se encontravam nas práticas ritualistas demarcando a presença feminina nos momentos de status social na sua inserção desde a infância nos atos cívicos, na sua apresentação à sociedade das mulheres virgens atenienses próximas ao casamento, no seu papel de esposas legítimas como acompanhante de seus esposos e na paz conduzida pelas atividades religiosas conduzidas por elas. E assim, os filósofos iam colocando-as como “sujeito” que tinha virtudes que determinavam à submissão e astúcia demoníaca nas suas variadas atividades. (LESSA, 2004).

E ainda neste período clássico convém destacar timidamente a Xântipe de Sócrates e não detalha muito o nome de sua mãe Fenareta, lembram mais do método dialógico como uma analogia do corpo, que pare a vida à alusão ao parto de ideias de Sócrates. E em Marcondes(2010,p.45) iremos encontrar Sócrates discutindo a virtude com Ménon que a da mulher era facilmente descrita como boa dona de casa, cuidadosa com seus pertences e obediente ao marido. Do mesmo modo encontramos sobre o parto de ideias:

Quanto à minha arte de dar à luz tem todas as propriedades das parteiras mas os meus doentes são homens e não mulheres e a minha preocupação é com o nascimento das almas e não com o dos corpos. Por outro lado o que há de mais importante na minha arte é ser capaz de efetuar sobre o pensamento de um jovem, de todas as maneiras possíveis, a provação para que ele dê à luz e [ser capaz]de ver se é um simulacro e uma ilusão, ou então se é algo de viável e de verdadeiro. (Platão, Teeteto, 150 b 6).

Por outro lado, Platão discute sobre a organização social e política na República e nas Leis sobre a superioridade dos homens, mas deixa claro que existem algumas das mulheres



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

melhores que muitos homens deveriam dar-se às mulheres a possibilidade de usufruírem de uma educação capaz de as tornar possíveis governantes da cidade.

Em Aristóteles a discussão da virtude da mulher é interligada a técnica doméstica diferenciada da do homem. Sob essa ótica em Mascaro (2013, p. 87) iremos encontrar o pensamento de Aristóteles que evidencia a submissão feminina ao afirmar que a justiça em proporção ocorre entre os semelhantes e os cidadãos:

Aristóteles, com isso, afasta os escravos, os filhos, as mulheres, do âmbito de aplicação do justo. São do lar, submissos ao senhor, ao pai de família, e portanto não estão na arena dos iguais. A justiça se mede, para Aristóteles, entre os cidadãos da pólis. Entre tais há de se falar na honra, no mérito, na justa distribuição.

E no período medievo o destaque é ao Sagrado e ao Profano, a mulher é díade de um lado Santa ou Prostituta. Também pura ou demonia. Então suas vozes se encadeiam pela cama ou pela meditação.

No período moderno, os filósofos não ignoraram tal distinção e foi a partir do seu olhar que se estabeleceu o cânon, a norma, melhor dito, a escolha de um pólo dominante e regulador, susceptível de gerir a oposição em causa além das óbvias diferenças biológicas, há uma homogeneidade entre os comportamentos femininos e masculinos. Para quem segue esta linha, as diferenças psicológicas, linguísticas, morais, ou outras, são socialmente construídas, decorrendo do género e não do sexo. Apontamos aqui o filósofo Hume que:

Como a natureza deu ao homem superioridade com relação à mulher ao dotá-lo com maior força mental e corporal, faz parte dele atenuar essa superioridade, o máximo possível, pela generosidade de seu comportamento (...) Nações bárbaras expõem essa superioridade, reduzindo suas fêmeas à escravidão mais abjeta, ao confiná-las, violentá-las e vendê-las. Mas o sexo masculino, entre os povos educados, descobre sua autoridade de uma maneira mais generosa, porém não menos evidente. (HUME, 1999, p. 297).

Do mesmo modo Nietzsche, Para Além do Bem e do Mal (apud ROSA, 2012).

A estupidez na cozinha; a mulher como cozinheira; a ausência manifesta de pensamento com que é efectuada a alimentação da família e do dono da casa! A mulher não entende o que significa a comida, e quer ser cozinheira! Se a mulher fosse uma criatura com capacidade para pensar, teria encontrado, sendo cozinheira, já há milhares de anos, os maiores factos fisiológicos e poderia ter-se apoderado da arte da medicina! Através de más cozinheiras, através da completa falta de razão na cozinha, o desenvolvimento do homem foi, durante muito tempo, retardado e prejudicado da pior maneira: hoje, as coisas não estão muito melhor. Um discurso para alunas de colégio.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Nesse sentido, convém destacar a questão do ensino no que se refere aos desafios que norteiam as questões de gênero que exclui as mulheres da história da filosofia.

3 AS MULHERES PENSADORAS

Ao perceber-se na sua compreensão de “ser mulher”, no autoconhecimento de suas potencialidades, não sendo tão vista como a que manifestava desordem na sociedade, não se envergonhando dos sentimentos apenas nos escritos de cartas, que teriam um fim para o esquecimento da mesma. É, então, que essa descoberta de se ver na sua identidade feminina desde a juventude até a velhice que Simone Beauvoir (1949) retrata que “não se nasce mulher, torna-se mulher” na obra “O segundo Sexo”, fazendo alusão à criação cultural do “masculino” e do “feminino” sendo estes tomados pela socialização que cada sexo destaca sua função social diferente e específica. E com isso foi reconhecida como escritora e filósofa que serviu de embasamento para o feminismo contemporâneo, também escreveu livros de ficção, memórias, ensaios e autobiografias que contribuiram para as pesquisas feministas.

Na sua obra intitulada “O segundo sexo” levantou pensamento nas questões femininas num contexto antropológico, histórico, fenomenológico e hermenêutico. E a mesma inicia a discussão a partir da própria condição das mulheres com a célebre frase: “Não se nasce mulher, torna-se mulher” mas essa mulher não se define apenas pelos aspectos biológicos, mas está interligada a vários fatores que contribuem a sua construção. Também, nos coloca a pensar na condição da mulher como outro diante do homem enquanto sujeito absoluto e nessa conjuntura percebe-se a ausência-presença das mulheres e deixa claro que o outro surge enquanto condição imposta de existência numa definição do que significa ser mulher a partir das relações de poder entre mulheres e homens.

Outra discussão que a filósofa em questão nos coloca na obra citada é sobre “A mulher independente” que nos faz refletir sobre a conquista da independência feminina como fator de autonomia econômica e social que se desenvolve a partir das relações de trabalho que promovem a liberdade concreta para a construção de sua individualidade. E assim, a mulher da modernidade segundo ela se divide entre a humanidade e a feminilidade que por sua vez caracteriza a situação da mulher libertada como condição para a realização da mulher a partir



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

da renúncia das reivindicações de sujeito soberano e não se limitando como objeto e presa para que efetive a sua feminilidade.

Sobre essa ótica Pacheco (2015, p. 115) esclarece que “mulher independente há de se por no mundo como liberdade; e para ser plenamente livre e humana, há de tornar-se capaz de carregar p fardo do mundo, junto com os homens; somente assim há de se integrar, com eles, na vivência da fraternidade”.

Já a filósofa e teóloga alemã Edith Stein era judia, posteriormente converteu-se ao catolicismo e adentrou ao convento sendo a freira Carmelita Descalça. Recebeu fortes influências do seu mestre Husserl para seu pensamento. Mas, a mesma não aceitou passivamente as ideias dele e teve algumas discordâncias desenvolvendo uma concepção autônoma e original redesenhando o método fenomenológico, a partir de coletânea de textos nas conferências e manuscritos. Como esclarece os erros no método fenomenológico evidenciando os pontos cruciais que são a objetividade da consciência, a intuição do método e a questão do idealismo trazendo à tona a discussão o giro idealista de Husserl. E com isso, defendeu que a fenomenologia não necessitaria se ater ao idealismo por ser algo pessoal de Husserl e não resultado de uma investigação fenomenológica. Mas ao separar as posições do idealismo e realismo agregou a teoria da constituição de Husserl numa interligação do mundo e sujeito constituídos da subjetividade transcendental.

Hannah Arendt foi uma filósofa política alemã com origem judaica e exerceu forte influência no século XX. Ela nunca deixou algo declarando o seu método, mas se definiu como fenomenóloga na qual fica evidente nas discussões de suas obras. Em “A condição humana” ela destacou a vida ativa numa perspectiva de fenomenologia, uma vez que distingue os campos trabalho, obra e ação. E em “A vida em espírito” busca enfatizar os fenômenos que condicionam as atividades mentais que são o pensar, o querer e o julgar na qual são básicas, autônomas e independentes.

E em a vida do espírito, retoma as análises dessa parábola citada afirmando que o local do ego pensante no tempo seria intervalo entre passado e futuro, presente, agora misterioso e fugidio chamando atenção da atemporalidade, que brota do choque entre o passado e o futuro que difere da eternidade num conceito limítrofe que assinada à crise de todas as dimensões temporais.



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Na era tecnológica, esclarecer os caminhos trilhados por mulheres estudiosas da Filosofia, nos parece difícil acreditar que pensadores que construíram conhecimentos filosóficos tão significantes para a era do conhecimento- foram tão preconceituosos com as mulheres- dando a elas a adjetivação de “sexo frágil” para lhes limitar a questionamentos e a publicação de seus estudos só pelo fato de serem feitos por mulheres. Visto que se fossem escrito por homens a aceitação e credibilidade seria diferente. Muitas conquistas ao longo da história e lutas nas ondas do feminismo já foram aceitas, mas mesmo em pleno século XXI, a perplexidade em relação às mudanças da mulher enquanto ser intelectual ainda tem-se que vivenciar.

5 CONSIDERAÇÃO FINAIS

Na história da Filosofia pudemos perceber o silenciamento vivido pelas mulheres como forma de negação da própria condição do movimento reflexivo, delimitando o conhecimento, exclusivamente em um espaço masculino.

Percebemos que o caminho as conquistas do conhecimento pelas filósofas foi difícil, mas a coragem e insistência de não se silenciar enquanto mulher no mundo comandado pelo poder masculino, sendo protagonistas buscando a verdade a partir das orientações, pesquisas e orientações de seus mestres que muito tentaram fazê-las reproduzir os métodos da fenomenologia. E essas mulheres filósofas tiveram autonomia em rever os conceitos da Fenomenologia a ponto de ressignificar e criticar os filósofos.

E assim as Filósofas como: Simone de Beauvoir; Hannah Arendt; Edith Stein entre outras contribuíram de forma significativa para confirmar que o intelecto feminino da mulher é tão importante quanto do homem e, que as filósofas devem ser respeitadas em suas pesquisas científicas tanto quanto os filósofos. Como em outros campos da ciência a mulher a mulher ainda continua lutando para conquistar seu espaço no mundo dominado pelo gênero masculino, observou-se com esta pesquisa que as conquistas femininas já são reais. Mas a luta continua, como a história e a vida, sempre em busca de mudanças e evolução na vida da mulher que dá vida para o homem (gênero).



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

ABSTRACT

In this article we will discuss the presence of women in the history of Philosophy in which there have been some contradictions since antiquity about the silencing in the scenario that was typically masculine. Also, in the mentioned rescue of the woman in the history of the philosophy it is observed that the figure of the feminine is not always dialogued by means of a subject who represents her, but by another subject "the masculine". In addition, thinking about philosophy and gender is to revisit historically the process of building men and women who have produced and produce philosophy in distinct spaces. In view of the above, the objective is to analyze the historical course of the presence of women in Philosophy from a bibliographical research. In this study, we use some fundamental authors in our perspective, for the discussions that refer to the theme Women and Philosophy respectively: Chartier (2010), Le Goff (1996), Motta (2003), Menezes (2002), Pacheco (2016); Perrot (2005), Rosa (2012), Valle (2002), Wuensch (2005), among others among other authors. In this way, we conclude that in several periods women were present in Philosophy both as submissive in the character of virtue in domestication and in reinvention in spaces that were coming to the leading role as a thinker.

Keywords: Woman. Philosophy. Genre.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hanna. **A vida do espírito**. 3. ed. Trad. Antônio Abranches, César Augusto M. de Almeida, Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

CHARTIER, Roger. **A História do Tempo**. [tradução de Crstina Antunes]. 2 ed. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2010.

HUME, David. **"Da origem e progresso das artes e ciências"**. Hume: vida e obra. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

JAEGER, Werner. **Paideia: A formação do homem grego (Clássicos WMF) [Print Replica] eBook Kindle**

LESSA, Fábio de Souza. **Mulheres de Atenas: Méliissa – do Gineceu à Agorá**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2010.

_____. **O feminino em Atenas**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2010.

MOTTA, Diomar das Graças. **As mulheres professoras na política Educaional do Maranhão**. São Luís, 2003.

MENEZES, Magali Mendes de. **Da academia da razão à academia do corpo**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002, p. 13-22.

PACHECO, Juliana; (Org.) **Filósofas: a presença das mulheres na filosofia..** [recurso eletrônico] / Juliana Pacheco (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru: EDUSC; 2005.p.9.

PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência.** Cadernos Pagu, Campinas, n. 4, 1995.

ROSA, Graziela Rinaldi da Rosa. **As Relações de Gênero na Filosofia.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

WUENSCH, Ana Miriam. **As Pensadoras:** Disponível em:
<http://www.unb.br/acs/bcopauta/mulher1.htm> acessado em: julho de 2017.